

Introdução

Maria Clara Paulino

Maria Hermínia Laurel

Teresa Martins de Oliveira

A utilização cada mais frequente de metodologias interdisciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares quer na prática de organismos públicos e privados, governamentais, económicos e sociais, quer em centros de investigação e de docência, advém da crescente complexidade que se faz sentir em cada área de conhecimento, bem como nas relações que estas estabelecem entre si e, em última instância, nas questões a que procuram dar resposta.

Existe ainda alguma imprecisão na definição da teoria e da prática da interdisciplinaridade, por um lado, e da multidisciplinaridade e transdisciplinaridade, por outro, sobretudo no meio académico, onde estes termos são utilizados por vezes como sinónimos. No entanto, a interdisciplinaridade distingue-se pela difícil prática da integração, que requer métodos e procedimentos específicos.

A definição de interdisciplinaridade hoje geralmente aceite foi proposta, em 1997, por Julie Thompson Klein e William H. Newell, figuras de destaque neste campo, cujas entrevistas integram este número dos Cadernos. Nesse mesmo ano ambos colaboraram na fundação da Associação de Estudos Interdisciplinares [AIS] dos Estados Unidos, que continua a ser a associação mais ativa nesta área. Em 2004 a Academia Nacional das

Ciências americana reafirmou essa definição, especificando que "a investigação interdisciplinar é um método (...) que integra informação, dados, técnicas, instrumentos, perspectivas, conceitos e/ou teorias de duas ou mais disciplinas ou corpos de conhecimento especializado com o objetivo de contribuir para um melhor entendimento de algo fundamental ou de resolver problemas cujas soluções ultrapassam o âmbito de uma disciplina isolada. (...) A investigação é verdadeiramente interdisciplinar quando (...) resulta da integração e síntese de ideias e métodos".

A integração é, assim, um conceito-chave da interdisciplinaridade. Enquanto no processo multidisciplinar várias disciplinas colaboram na resolução de um mesmo problema sem abdicar das suas fronteiras, e enquanto no processo transdisciplinar o cruzamento ou transferência de metodologias disciplinares, destinado a encontrar soluções unificadas, se processa também num enquadramento em que as disciplinas permanecem estanques, o processo interdisciplinar implica a construção de um terreno comum entre disciplinas, o que exige a negociação de inevitáveis conflitos entre pontos de vista, objetivos, metodologias e "lentes" com que cada uma interpreta o mundo. Segundo Klein, a abordagem interdisciplinar maleabiliza as fronteiras disciplinares, perturba e rompe os seus quadros de referência, estimula a troca de ideias entre os diversos domínios científicos e desenvolve comunidades híbridas de conhecimento. Esta abordagem exige uma consciência meta-cognitiva da forma como a verdade é construída dentro de cada disciplina. Cada uma cede algo e recebe algo, numa dinâmica de permuta permanentemente negociada, construída a partir do princípio de que as disciplinas não se limitam a organizar o conhecimento, antes estabelecem normas de validação e linguagens que definem e conduzem os processos de investigação que constroem o conhecimento. O que a interdisciplinaridade procura é uma epistemologia construída numa lógica de tentativa e reflexão. A integração é sempre, portanto, negociada, situacional e contingente.

Ao colocar em contraponto as ambiguidades e os pressupostos das definições individuais, a interdisciplinaridade constrói um significado de ordem mais elevada, segundo Klein, mais abrangente, que inclui as discrepâncias. Resolução, neste contexto, não significa falso consenso, pois as diferenças não são minimizadas, nem disfarçadas. Pelo contrário, as

diferenças entre as disciplinas são definidas, definindo-se também claramente o modo como estas influenciam o seu modo de inquirição. Só então se identifica o que têm em comum, e é sobre esse território comum que se estrutura o entendimento interdisciplinar.

Segundo James Welch, outra figura importante na discussão sobre processos interdisciplinares, a interdisciplinaridade emerge de, e reage a, estratégias epistemológicas fundamentais do cânone da filosofia ocidental. De Platão a Hegel, esse cânone desenvolveu quadros epistemológicos baseados em princípios que a interdisciplinaridade critica ao fazer ressaltar a complexidade irreduzível dos fenómenos, complexidade essa implícita em sistemas caracterizados por múltiplos nexos de interação e níveis de imprevisibilidade. A interdisciplinaridade defende a negociação epistemológica entre diversas verdades, em competição umas com as outras, e postula que a verdade não é definida pela determinação de um conhecimento último, mas sim pela atividade inerente à sua evolução, que é sempre provisória.

A interdisciplinaridade deve muito às fraturas que a fenomenologia e o pós-estruturalismo causaram na tradição epistemológica, e o seu desenvolvimento tem raízes na convicção pós-moderna de que os objetos das várias disciplinas estão interligados. Reconhece que a diferença e a contradição são inerentes a fenómenos complexos e não procura reconciliar essas diferenças num episteme unificado, antes permite que o conhecimento surja de forma dinâmica no âmago da complexidade própria ao cruzamento entre fenómenos. Ainda segundo Welch, a abordagem interdisciplinar procede também das tradições do pluralismo e pragmatismo da tradição anglo-americana, dirigindo-se à resolução de problemas, procurando contribuir para o progresso social e académico e pretendendo reorganizar o sistema de valores em que esse progresso assenta. É de ressaltar que, embora o conceito da interdisciplinaridade surja da disrupção das classificações disciplinares, os estudos interdisciplinares definem-se não como mera crítica, mas como método integrador de compreensão de sistemas complexos e resolução de problemas igualmente complexos. Por outras palavras, procuram dar continuidade ao projeto epistemológico ao mesmo tempo que criticam os fundamentos que o têm sustentado.

Segundo Newell, a interdisciplinaridade abraça a ambiguidade implícita no pluralismo epistemológico e afirma a existência de um equilíbrio entre dissonância e harmonia; envolve-se na dança pluralista de perspectivas divergentes ao mesmo tempo que valoriza a coerência e o equilíbrio entre elas, afirmando que o conhecimento é progressivo e, simultaneamente, problemático. Ao acolher a natureza dinâmica da complexidade, o pensamento interdisciplinar situa-se no centro da turbulência e da incerteza que caracterizam o mundo em que vivemos.

No artigo que apresentamos a abrir este volume dos *Cadernos de Literatura Comparada*, Maria de Jesus Cabral explana as várias formas em que se conjuga atualmente a “disciplinaridade”, entendida como conceito dinâmico (perspetiva na qual confluem, originalmente, a conceção poética de Mallarmé e a reflexão linguística de Henri Meschonnic), cuja expressão, através de uma prefixação por vezes indecisa, quando não imprecisa, como multi-, inter-, trans-, convém clarificar, quer do ponto de vista epistemológico quer metodológico. A esse propósito acresce uma reflexão sobre uma área de aplicação particularmente inovadora (sobretudo no campo português), e manifestamente interdisciplinar, a das relações entre Literatura e Medicina, na qual a autora tem vindo a trabalhar nos últimos anos. No texto seguinte, Dorothy Figueiras debruça-se sobre a *World Literature* tal como se tem imposto na academia norte-americana, chamando a atenção para os perigos da visão imperialista de uma literatura em inglês ou em tradução inglesa, expurgada de todos os elementos de estranhamento e desligada dos contextos de origem. Produto de uma academia habituada a substituir-se ao Outro, que se arroga o direito de falar por ele e de o co-optar em proveito próprio, a *World Literature* tende a nivelar e a tornars difusas as diferenças, intensificando de facto os privilégios raciais, de classe e de género. Já Emmanuel Bouju transporta para o universo literário o pensamento económico e social de David Graeber. A questão premente da articulação entre dívida pública e crédito democrático, fundamento do “paradigma fiduciário” que o autor pretende alargar à abordagem interdisciplinar da realidade contemporânea, é assim analisada com particular referência a romances gregos recentes. O artigo constitui por isso também uma contundente análise política de uma sociedade submetida aos discursos dos

“Grandes Demagogos”, decorrente das implicações filosóficas e morais do pensamento de Graeber relativamente ao contexto europeu contemporâneo. Considerando a tradução como uma função base dos sistemas socioculturais, Gabriel Pérez explica, por sua vez, o campo de investigação constituído pelos Estudos de Tradução como uma transdisciplina dotada de uma complexidade transversal, a qual exige, por isso, estratégias de investigação provenientes de diferentes campos de saber. Visa, assim, contribuir para a dotação dos Estudos de Tradução de uma episteme que congregue perspetivas oriundas das artes e das ciências, aproximando-se de propostas como as do movimento da “Terceira Cultura”. No seu estudo sobre *As Luzes de Leonor*, de Maria Teresa Horta, Maria Luísa Malato coloca uma questão decisiva para os estudos literários: o estabelecimento da fronteira entre facto e ficção. Fronteira tanto ou mais fluida quando se trata de textos resultantes de uma forte componente documental, em diálogo criativo com perspetivas de natureza biográfica, histórica e filosófica, cuja identificação genológica se torna complexa. A abordagem desta problemática a partir de eixos de análise em que se conjugam várias áreas do saber situa o estudioso num contexto metodológico pós-disciplinar, que lhe permite tratar de forma inovadora e prospetiva a produção de Leonor de Almeida. Por sua vez, Lúgia Bernardino debruça-se sobre a pertinência de novos enquadramentos dos estudos culturais numa perspetiva pós-humanista. Para tal, defende a necessária intersecção disciplinar na abordagem do humano, sublinhando a sua responsabilidade ética no devir de um planeta que concebe como o *oikos*, o planeta-casa de seres e culturas múltiplas, em que natureza, corpo e máquinas definem o horizonte de intervenção, particularmente plasmado em várias formas de arte contemporânea. O ensaio seguinte configura-se como um estudo de caso, em que Priscila Marques se detém, preferencialmente, sobre a necessária conjugação interdisciplinar entre o olhar do biógrafo, do psicólogo e o do crítico literário na construção do universo estético e ideológico de Dostoiévski, fortemente marcado também pelo próprio interesse do autor pela “ciência da mente”. Partilhando da indissolubilidade desta abordagem, a autora advoga a primazia da natureza ficcional da obra de Dostoiévski sobre perspetivas do que designa como “crítica psicológica”.

Os dois textos que se seguem são traduções de dois artigos previamente publicados

em língua francesa e em língua alemã respetivamente, mas que, pela sua pertinência, decidimos integrar neste volume, em versão portuguesa. No primeiro, partindo de uma metáfora geográfica inspirada num dito célebre atribuído a Pascal, segundo o qual a noção de verdade é diferente aquém e além dos Pireneus, Bertrand Westphal interroga-se sobre o traçado de linhas de fronteira entre disciplinas. Linhas que cartografam os saberes e os hierarquizam, na paisagem instável de disciplinas soberanas que os tempos se encarregam de destronar. Espaço aberto à assiduidade entre disciplinas, o espaço literário revela-se ao autor como abertura a uma interdisciplina inovadora no campo dos estudos literários. Já o segundo artigo, “Ciência da Literatura e Pedagogia” apresenta o resultado do diálogo entre um especialista da área das ciências da literatura e dos *media* (Rolf Parr) e um pioneiro da pedagogia do desenvolvimento (Alfred Tremml). Através de uma abordagem interdisciplinar, os autores propõem um novo entendimento sobre o objeto de estudo, os métodos e as teorias da ciência literária, orientada pela teoria interdiscursiva, e das ciências da educação baseadas na teoria da evolução geral. Aos múltiplos e surpreendentes resultados que detetam no âmbito do trabalho interdisciplinar conjunto opõem-se limites na colaboração, que denunciam como resultantes não de impedimentos científicos, mas da falta de apoio institucional a abordagens interdisciplinares.

Seguem-se o Manifesto pela Interdisciplinaridade, de autoria de Filipa Ribeiro e João Bettencourt Relvas, e duas entrevistas a figuras pioneiras dos Estudos Interdisciplinares, Julie Thompson Klein e William H. Newell, conduzidas por Maria Clara Paulino. A encerrar o volume, na “Vária”, integra-se o ensaio “Erewhon Like New Zealand Like England Like Utopia. Samuel Butler’s Refractions of National and Cultural Identities”, no qual Paola Spinozzi revela como alguns dos mitemas sobre a Nova Zelândia, confirmados e/ou desconstruídos por Samuel Butler no século XIX, continuam ativos nas construções identitárias da contemporaneidade.